



FERNANDA FERRO

Dança Arte

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
-FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA-
1999

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
-FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA-

Dança Arte

*Monografia apresentada como
requisito parcial para a obtenção
do título de licenciado em
Educação Física, sob orientação da
Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares.*

CAMPINAS – 1999

"...escolhera um vestido de fazenda pesada, apesar do calor, quase sem modelo, o modelo seria o seu próprio corpo ... a fazenda já não era um mero tecido, transformava-se em matéria de coisa e era esse estofado que com o seu corpo ela dava corpo ... como podia um simples pano ganhar tanto movimento?"
(Lispector, 1998)

Aquele vestido ... o intranquilo desejo de que o corpo vista a ilimitada idéia, que em silêncio grita no limite entre o dia e a noite, à madrugada de um tempo que vive e morre no presente.

Ao vestir uma idéia, corre-se o risco desgraçado de perceber, que pode-se caber dentro dela, ou ao contrário lhe é justa demais; e isso desconstrói tudo o que nunca houve de si. Mas não tê-las para trocar ou vestir é tão miserável como a fome.

Precisa-se ficar nu para trocar de idéia. A pele exposta...

Deixei a minha roupa na entrada. Se desejar pode vesti-la, mas não rasgue ela ainda me serve.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela noite e pelo dia e por tantas outras contradições que se complementam, por ventar nas folhas do pensamento disseminando outras sementes, por chover no meu rosto um sentimento que eu não sei explicar, por ...

Ao meu pai que sempre regou os sonhos até em aridez de incompreensão. À minha mãe, que o coração cresceu tanto em seu peito, tanto, tanto, que criou corpo e hoje é esse ser que pulsa amor pelos cômodos. Pai, Mãe – minha eterna gratidão e amor.

Eis um segredo (escondido na barriga), existe uma pessoa dentro da pessoa da minha irmã, como podem duas pessoas habitarem o mesmo ser? Acho que daqui nove meses vai ocorrer um despejo. Dani, todo meu carinho.

Ao meu sobrinho que tem o dom de brincar com o abstrato e por isso povoou a nossa casa de imagens e personagens que jamais existiram fora de nós mesmos. Gã, um beijo estalado.

A um amigo que esteve sempre oculto, porque a minha fraqueza sempre me tornou mais magra e invisível do que tudo o que existiu entre nós. Outros.

À Andréia, Mili eu JAH, JAH estou indo...

A Éden, Jaque que plantaram a Lua no meu ventre, e agora eu enjôo e vomito todo dia essa ânsia de ser livre.

Ao Adilson como posso não “me maravilhar com a beleza de vossa dança” e me emocionar com o silêncio das vossas palavras, essas que falam por todo o teu corpo. Minha admiração e respeito.

Vinicius, eu comprei uma tartaruga, para que as nossas viagens sejam mais rápidas, assim a gente não perde o horário.

Lígia, acho que um abraço resume.

Aos meus amigos, Vagner, Édén, Andréia, Mili, Jaque, Bel, Débi, Lígia, Bianca, Dani, Smurf, Vinicius, Limits, Léo, Carina, Andresa, André, Rafa ... não há uma palavra que signifique tudo o que eu sinto e aprendo com vocês. Um beijo no coração.

À Toninha, Carlos, Lara, Dani, Daninha, obrigada por me ensinarem tanto, pelo carinho e paciência. Beijos.

Ao artista que é uma coisa mal dita, sem concordância e que ainda se atreve a deixar reticências.

Às personagens que vieram habitar a minha mente, quando o silêncio ampliava os cômodos.

À minha orientadora que deu a possibilidade do encontro onde agora eu me perco. Carminha, obrigada por todos os momentos.

Hoje a Lua que eu carregava em mim nasceu prematura, se ela morrer amanhã vai ser de amor pelo sol. Acho mesmo que sem saber e escondido de mim, sempre fui afeita aos amores impossíveis, mas eu ainda te encontro na eclipse.

RESUMO

Eis o prólogo, ensaio primeiro que se dará entre a dança e as demais formas de arte, tecendo um paralelo de linhas cansadas de marchar a par e progredirem na mesma proporção sem poderem tocar-se uma a outra. As paralelas então se fundem num abraço indecoroso e assim misturadas, são agora, Dança Arte.

Uma nova trajetória se define, construída em um único plano: o da arte, plano do sensível, do imensurável.

Não cremos que as demais artes estejam polarizadas na dança, apenas, nossa compreensão parte da dança e então ramifica aos vórtices dos vértices das artes. Privilegiar uma em detrimento da outra, desagregar esta unidade apaixonante construída no ato da arte, seria demente.

Assim, ao longo deste trabalho, a dança não está solitária, encontra seu par em outras artes e enlaça-se no terreno sagrado da escultura, literatura, teatro... A pregação cerimonial ocorre em linguagem literária e as alianças são de sensibilidade e subjetividade. Deste casamento, uma nova "dança vem nascendo, junto com algum medo. Medo de, talvez, profanar aquele terreno sagrado da literatura", da escultura, música..., "aquele campo santo que" Calvino, Rodin, Camille... "pisaram..." (Nascimento, 1996)

SUMÁRIO

Cap. I

Dança Escultura 01

Cap. II

Dança Música 06

Cap. III

Dança Literatura 14

Cap. VI

Teatro Dança 22

Piolhos na Pele 38

Lista de figuras 40

Referências Bibliográficas 41

escultura
escultura



escultura
escultura

Cap.I

Dança Escultura

— “Oh, pelo menos no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por enquanto preciso segurar esta tua mão — mesmo que não consiga inventar teu rosto e teus olhos e tua boca. Mas embora decepada, esta mão não me assusta”.

Cerrou os olhos como quem espreme todo o fel em duas gotas de morfina. O punho cerrado agarrava-se com força ao estilete, procurando a melhor forma.

Era outono, os dias amareleciam junto às folhas desbotadas ao pé da sicômoro. Todo o aposento estava embebido em um ar alcatroado e úmido, que as narinas dilatadas sorriam, como doses aromáticas de vinho.

As limalhas acobreadas de luz escoavam pelas frestas carunchosas das janelas, iluminando a lhamas de poeira suspensa que vestia os corpos. A tarde adormecia, deitando sobre eles as inclinações decantadas da luz que movia-os em ritmo de três tempos.

O pudor da carne exposta, o âmago. Uma beleza indigerível.

O estilete afiado, agudo como a voracidade de um animal faminto. Talvez uma insânia, uma perdição anômala da mente, o desejo de “cortar a carne em pedaços

e distribuí-los pelos dias e pelas fomes"², em finos *"pedaços assimiláveis pelo tamanho de sua boca e pelo tamanho da visão de seus olhos"*³.

Hesitou. Acho que rezava, pedia *"a grande coragem de resistir à tentação e inventar uma forma"*⁴. A forma que viria sem esforço, que a destroçaria em pavor, em um tremor manso como o suspiro do coração que esgota. ... e então saberia a hora.

A forma chegaria abnegada de dor física, que supunha um sofrimento ainda maior, monstruoso. A terrível coragem de aceitar a covardia. Covardia que não a deixaria falhar, não *"correr o risco de ser esmagada pelo acaso"*⁵.

Na nesga em que se enfiara, toda a tulha de pensamentos comprimiam-lhe os ossos. Nutria-se de memórias, roendo os restos descarnados do zelo amoroso. Preenchia lentamente o estômago, com o cheiro das sobras ingeridas em porções miúdas para que não se acabasse. Era uma figura desértica, esquecida pelo tempo que escorria em areia finíssima.

Perscrutava os amantes com o olho vítreo e parado de quem não enxerga. E eles dançavam entregues ao pudor da sensualidade, no imante do sexo cru trajado em negro perfil de sombras volteantes. A *"aproximação cúmplice, reunia os corpos abandonados a embriaguês do contato, os corpos rodopiantes ... como um prelúdio a união carnal. O movimento desenhava no espaço curvas, espirais, ascensões embriagadoras. ... abolindo a consciência, rompendo as resistências"*⁶.

Subitamente, sentiu um desabar de sensações, descolarem-se em fragmentos das paredes viscerais, embranquecendo-lhe o sangue que ruía em coágulos de cristal líquido.

Uma fenda trincava-lhe o crânio e corria pelas vértebras como que estilhaçando um vidro em pequenos gomos.

A intrincável forma primitiva de conduta chegara a menor partícula de si, o eu.

O reflexo do estilete, cegava-lhe. Bastaria um corte e estaria terminado. Demorava-se ainda naquele "rito que a permitia aplacar o remorso pelo sacrifício de outras vidas com a finalidade de alimentar a sua".

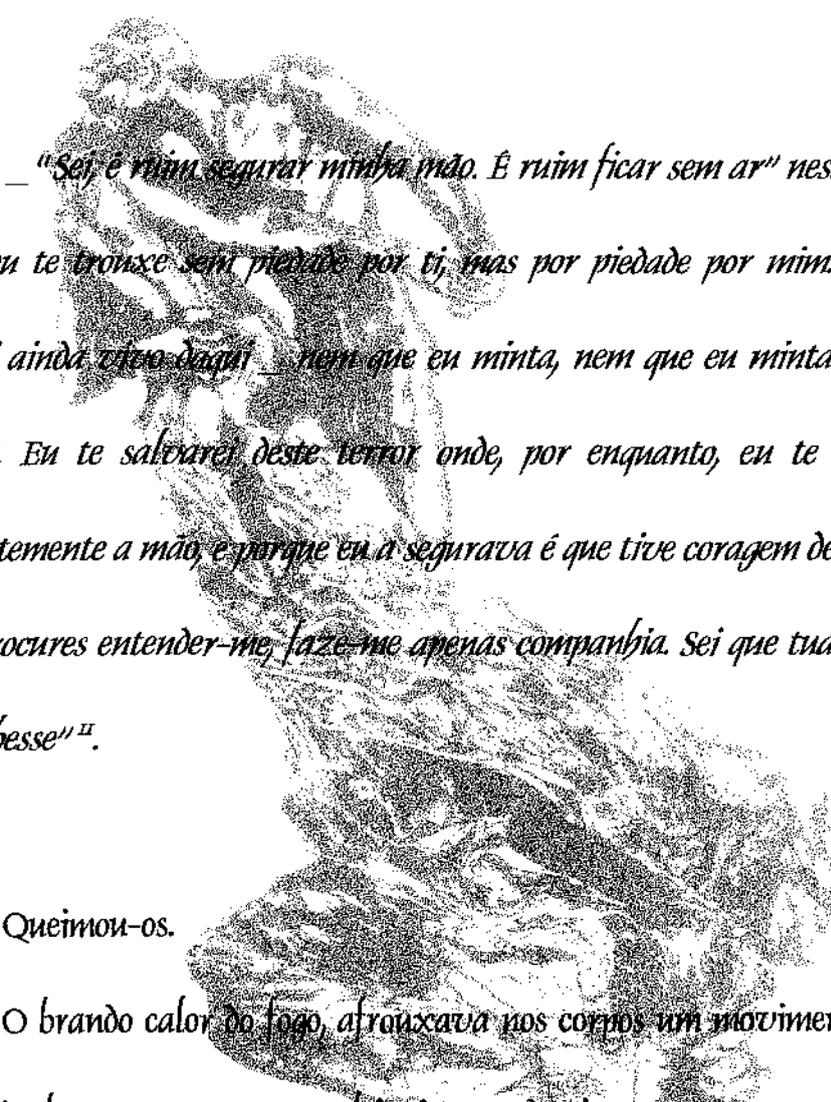
— "Dá-me a tua" outra "mão", daquele braço mutilado. Porque tenho medo de precipitar-me na profundidade infinita do meu ser.

Ela "tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos..., enquanto a outra mão... empurrava-a para o abismo — em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair" na sua abissal presença.

Depois disso, fora uma vertigem. A mão, o estilete sulcando o corpo da mulher que esmorecia nos braços do parceiro, o qual agarrava-lha forte pela cintura. A mão dela escorria pelos dedos do amado, desfalecida de suas forças. O corpo todo inclinava-se a luz da eternidade.

"Ah, tivesse eu sabido do que ia acontecer no quarto, e teria pegado mais cigarros antes de entrar"¹⁰; mesmo não fumando a fumaça entorpecente me traria certo alívio.

Mas, não bastasse, o espírito inquieto quis ver sua obra terminada ... e então...



— "Sei, é ruim segurar minha mão. É ruim ficar sem ar" nesse aposento "para onde eu te trouxe sem piedade por ti, mas por piedade por mim. Mas juro que te tirarei ainda vivo daqui — nem que eu minta, nem que eu minta o que meus olhos viram. Eu te salvarei deste terror onde, por enquanto, eu te preciso. Deste-me inocentemente a mão, e porque eu a segurava é que tive coragem de me afundar. Mas não procures entender-me; faz-me apenas companhia. Sei que tua mão me largaria, se soubesse"¹¹.

Queimou-os.

O brando calor do fogo, afrouxava nos corpos um movimento derramado em larva de bronze. Os corpos calcinados. O desejo preso para sempre dentro deles, testemunha presencial gritando. Nos corpos, incubando uma vida. Conservando o desejo para que eles não envelheçam como aquele dia.

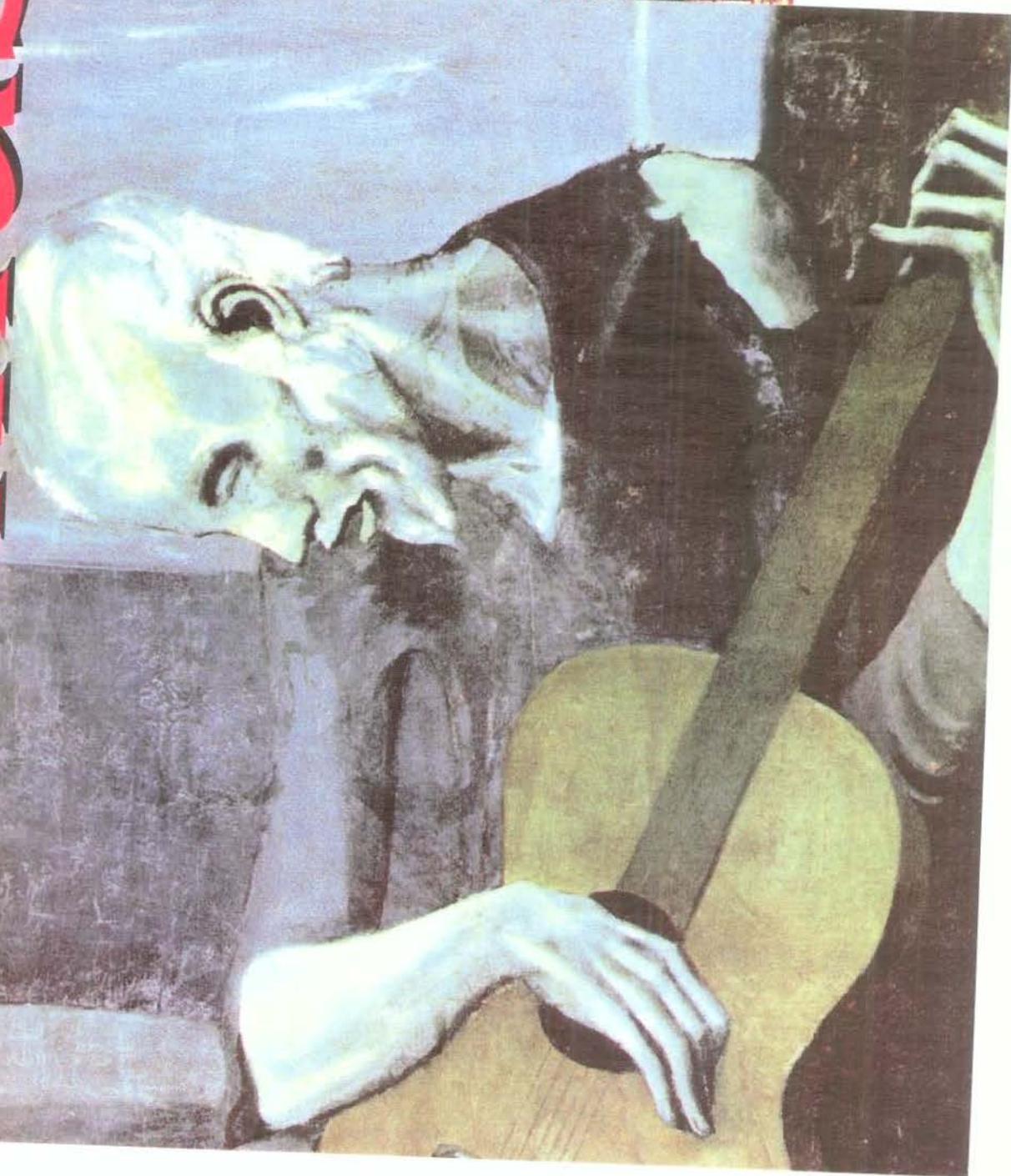
Enfim, ... creio que ela esculpia "em razão dessa chance de se fundir por inteiro"¹².

NOTAS (CAP I)

1. LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.*, 1991 p.22
2. LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, 1991, p.18
3. LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, 1991, p.19
4. LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, 1991, p.19
5. LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, 1991, p.19
6. SÃO PAULO (ESTADO). *Secretaria de Estado da Cultura. Camille – Claudel – 1804-1943: esculturas, desenhos e pinturas*, 1997, p.118-120.
7. CALVINO, Italo. *Palomar*, 1994, p.70
8. LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, 1991, p.102
9. LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, 1998, p.32
10. LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, 1991, p.122
11. LISPECTOR, Clarice. *Op. cit.*, 1991, p.102
12. DURAS, Marguerite. *Escrever*, 1993, p.72

música

Fig. 02 - O velho Guitarrista. PICASSO.



Cap. II

Dança Música

É linda e ondula, mais leve que pluma, arfando em adocicada melodia, gira e sobe e parece que seu gesto é canto dedilhando desejo ao ouvido. Doude que percorre os ares em ligeira vibração mistura-se ao redemoinho do vestido que range nas beiradas ao lambar o chão. E entona tantas notas e giros, sobressaltos e cadências que se perde em sua aguda leveza. Em sua diáfana virgindade, cora em brasas ao notar fugidia, que rememora sonhos e ilusões mentais na alma dos convivas. E apresenta a suas almas, “*uma turba de idéias simultâneas, ou cuja sucessão é tão rápida que parecem simultâneas, e faz a alma ondular numa tal abundância de pensamento, imagens ou sensações espirituais, que ela ou não consegue abraçá-las todas de uma vez nem inteiramente a cada uma, ou não tem tempo de permanecer ociosa e desprovida de sensações*”¹.

Dança fugaz, num frenesi de véus e tules transparentes que se dissipam e reúnem numa harmonia volátil de vozes simétricas, que se repetem, sempre bem iguais na diferença. Há um perfume de tâmaras cantando em sua língua, enchendo o salão, os ouvidos, os sentidos, esquecido, exalado, como “*rastros nacarados de moluscos*”². E volteia, e zomba e zumba, estridente como num grito o queixume. E

louca tomba, desbotada. Mas acorde no corpo masculino é *vadia e violenta, alta, surda e triste*. Mas entende, é *orgasmo*. Estremece, sonora como *folha seca*, forjando a *primavera nupcial*. “*Em delírio bem ritmado*”³ desfaz-se no ar de nossa percepção e esgota em tom alvejado nos prazeres do som.

Mas o espetáculo não cessa, entra em dança como antes ingresso na corte, um pas de deux da nobreza que acusa o seu sexo vagabundo. São dois corpos de uma sensibilidade erótica, rompendo na dinâmica o paradoxo da censura. E no salão ouvem-se no ar os sons de vozes humanas crescendo em espanto suspenso, numa acústica tão alucinante que entrega os corpos à ambivalência do contato.

O corpo todo vibrando colado ao rosto-enamorado, é som de Vivaldi. As fibras do braço tensionadas, trêmulas feito tripa de carneiro, receosa ao toque do parceiro. E agora que ele a conduz (toda matéria) em suas mãos, sentia-lhe os “*nervos se enfeixarem em seus dedos*”⁴, ofegantes em tom grave e fugidio. Os dedos musicistas deslizando em seu braço e a palma de sua mão esquerda encontrando-lhe o dorso, moreno feito madeira de bordo, de uma tez escorregadia, banhada em verniz. Risca tuas cordas em um gozo de “*escala ardente*”⁵, de voluptua tão brusca que “*retaza o pensamento como um arco*”⁶. Suas notas escorrem por um fio, de cabelo de cavalo, e rugem e riem e rodam cambante em tuas mãos esguias de alabastro. Este cabelo, liso e negro faz uma carícia onde a brisa vem brincar, penetrando todo o corpo e fazendo-o tilintar em frêmitos de clave de fá.

*“Movendo-se com graça e soberbo andamento”*⁷ ocupa o espaço com precisão extraordinária. Quanta graça, quanta sutileza em seu ritmo, e os filetes decorativos contornando, realçando a silhueta talhada de artesão. E aproxima-se do par, tão perto chega de sua face que sente-lhe o bafo morno respirar. O violino sussura em suas orelhas *“toda voz dos secretos pensamentos”*⁸. É ruidoso como os beijos febris que a saudade mata, na alternância das fortes e fracas, notas.

Agora pulsando em alta frequência engendra a vivacidade do tempo rodopiando em gestos surdos aos sons que evocam. Faz-se um encadeamento de formas, de notas que produzem na alma uma sonoridade inexprimível. E comunicam, na espera, no turbilhão de frases que se tornam e progressivamente se esvaem como fuligem ou pó. *“Tudo se move tão rapidamente que não podemos nos dar conta de sua consciência mas apenas de seus efeitos”*⁹. A música dança *“e se consagra toda ao movimento total”*¹⁰. Quer ter o peso de um inseto flutuando sobre a película da água estagnada e a densidade das sensações de uma pedra que toca a profundidade do lago sem chocar-se, criando ao descer, uma cavidade no líquido como se estivesse escorrendo na textura espessa do catarro de criança. É mais leve que a gravidade, e também de força maior, por isso sustenta-se no ar. Não bastasse, ainda transporta quem com ela se envolve. Absolutamente iletrada em qualquer regulamento físico. E paira, sem vento, numa *“atmosfera de suspensa abstração”*¹¹. Não usa vassouras, nem possui dragão mágico em que voar. Nenhuma casca de alho levaria-se tão facilmente. Seu

vão é tão suave que se roçasse os ouvidos de um desavisado qualquer, este abanaria as mãos como que para espantar um pernilongo. Ligeira, dança, voa, ressoa por todo espaço.

Que notas estranhas formam esta nova melodia, com tons tão agudos em que chora e grita o violino. Esquisofrenia?

O arcol do movimento, eis que rasga as fibras, fere;

"penetrante como um gume,

passa e, passando, como que resume,

no olhar, na voz, no gesto e no perfume"¹²

a angústia do sollo.

Mas a dor crescente, num cemitério de almas anciosas, famintas desse alimento parado, indigesto, revolvendo impaciência por música suspensa ... Ulll-ular! Regurgitam... poesia invisível, na voz de coruja em noite pousada, uma substância abstrata boiando em pulverulência sonora. E cantam em coro marcado, com os pés e as palmas, seguindo o cortejo do violino calado. Ouve-se as mulheres, soprano com expiração violenta e estrepitosa, que no rebento ondulam os lenços e as ancas.

Seguem procissão, compasso medido e lento, arrastando os pés. Se vão em afônico murmúrio, na polifonia de corpos que se misturam e se decantam na atmosfera das lamúrias.

As vozes alargando o espaço, sem encontrar eco nas mentes do descampado.

Aquele silêncio instrumental se estendendo, na ampliação do corpo inteiro. O silêncio absoluto, surdo. E o parceiro, vendo o outro *“que morria aos sons secretos de uma harmonia de morte”*¹³, era o assassino penitente. *“Era uma luta terrível essa que se travava entre o dever e o remorso”*¹⁴. Submisso a sinfonia, naquela brutal decisão de abandoná-la.

Afinal, sua música *“devia ser apenas o lugar da guerra e do roubo”* do pensamento alheio, *“e o lugar onde ele era promulgado”*¹⁵. A mais, sua sentença prescrita, a morte. Inapelável. O engano mais sábio, um erro perfeito como Bethoven¹⁶.

E esse silêncio terrível ... *“vazio e sem promessa”*¹⁷. Tentou *“em vão... não ouvi-lo, pensar depressa para disfarçá-lo”*¹⁸ ... Mas (nas cadeiras) *“os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. ... Como estar ao alcance dessa profunda meditação do silêncio? Desse silêncio sem lembrança de palavras. Se és morte, como te abençoar”*¹⁹?

Não havia como esquivar-se. E então, seria esse silêncio um pretexto do desejo a espera de resposta? O silêncio claro como a noite sem lua.

De repente, estremecido por um gesto de sonoridade luminosa no agudo, cortando o silêncio, feito lâmina mergulhada na essência da noite. Fendido num jato de ar expirado. Pareceu que cuspiu a ausência, crescente em seu peito feito tumor que não pode ser arrancado ... simplesmente impalpável.

Um hino à glória da vida, descoberta na ausência, de uma taquicardia que suscita no silêncio. Aquela que antes não ouvia, embora sentisse em silêncio.

E assim arrastado por um sopro, todo o corpo se submete a alquimia dos sentidos, como o vento que desfolha o tempo em movimentos espirais. É tão intensa e etérea sua imagem que supomos ser Céfiro, o deus da brisa, a conduzi-la em direção ao infinito impessoal. Mas para que o seu destino não se espraiasse na luxúria do instante e sua existência se reduza a uma vaga lembrança; recorremos aos quatro anjos, que se conservam em pé nos quatro cantos da terra. Aqueles que detêm os quatro ventos. Suplicamo-lhes para que não soprem com fúria sobre este fantasma sem aparência. E assim sua imagem, que faz sombra na memória “existiu somente por um segundo para não mais se acabar”²⁰.

NOTAS (CAP II)

1. LEOPARDI, Giacomo *apud* CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*, 1990, p.55
2. MONTALE, Eugenio *apud* CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.18
3. VALÉRY, Paul. *A alma e a dança e outro diálogos*, 1996, p.62
4. ALMEIDA, Guilherme. *A dança das horas*, 1919, p.72
5. ALMEIDA, Guilherme. *Op cit.*, 1919, p.57
6. ALMEIDA, Guilherme. *Op cit.*, 1919, p.16
7. VINCI, Leonardo *apud* CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.93
8. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.62
9. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.27
10. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.62
11. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.26
12. ALMEIDA, Guilherme. *Op cit.*, 1919, p.33
13. AZEVEDO, Álvares. *Noite na taverna*, séc.19, p.40
14. AZEVEDO, Álvares, *Op cit.*, séc.19, p.40
15. DURAS, Marguerite. *Escrever*, 1994, p.83
16. BARROS, Manuel. *Livro sobre nada*, 1997, p.70

"O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito"

17. LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, 1998, p.36
18. LISPECTOR, Clarice. *Op cit.*, 1998, p.36
19. LISPECTOR, Clarice. *Op cit.*, 1998, p.36
20. SÃO PAULO (ESTADO). *Secretaria de Estado da Cultura. Camille – Claudel – 1864-1943: esculturas, desenhos e pinturas*, 1997, p.166

Cap. III

Dança Literatura

No recinto retangular espalham-se divisórias retas paralelas, flanqueadas por uma linha estética com a propriedade de privilegiar a visão da assembleia.

O fundo branco-opaco é iluminado pela luz parda e fosca que inside obliquamente, desmaçando o ermo numa quase penumbra.

Um ente feminino riscou o chão derramando sobre ele uma essência com odor de minúsculos nódulos de anil. Equilibrando-se nos fortes dedos de aquilão, deslizou habilmente preenchendo todo o espaço com volteios e atos sibilinos. Uma atenção pertinaz a mantinha sobre a ponta prenhe de incerteza disfarçada. Talvez supuzesse uma necessidade de despregar-se, quando em quando, ainda ignorada pela leveza de seu corpo.

Um invólucro transparente lhe envolvia toda a pele em aderência tal, que estando dela a menos de um metro, não era possível distinguir-lhe o corpo das vestes. Uma veia azulada escorria veneno destacando-se naquela tênue falta de cor. Apesar de; sua aparência desconcertante conferia-lhe alguma beleza poética, inculta talvez. Preferindo ostentar certa vaidade infundada que ceder ao peso da fealdade (escravo

fealdade para que ela mesma não entenda — de maneira que torne a palavra tão leve e abstrata que flutue eternamente em seu incosciente, sem pesar).

Ao percorrer a geometria quadrilátera do espaço, seu corpo parecia filtrar toda luz e recortá-la em finos cristais com astes desiguais, imediatamente refletidas na altura do interior. Embora nada houvesse que objetar em relação a este efeito espectral da luz, a natureza especulária humana, ligeira, retirou os óculos a fim de deduzir qualquer engano ótico produzido pelo reflexo das lentes. Precisava de um suporte tangível para reconhecer o dedalo de imagens visíveis que se formavam e desformavam em seu espírito. Recoloca os óculos. “Mas não conseguiu manter a imagem nítida: necessitou fechar por um momento as pálpebras, deixar que a pupila ofuscada reencontrasse a percepção precisa dos contornos, das cores, das sombras, mas também deixar que a imaginação se livrasse dos embaciamentos que não lhe pertencem”¹...

Aos poucos, a figura que dançava à inclinação da luz, foi adquirindo nitidez e relevo na superfície tocada pelos raios luminosos, enquanto a outra parte era ocultada por uma espécie de sombra plúmbea, que dava-lhe um certo mistério e encantamento desacostumado àquela magresa ossuda.

Delicadamente, os dedos prodigiosos que a sustentavam, desenhavam sinais “que combinam regularidade e fluidez”² em harmônica linguagem de movimentos. As figuras vão ganhando contorno e expressão, construindo um discurso mudo que busca

*“atingir o sentido último que as palavras não alcançam”*³. Era como se o seu traço arrolasse um fino fio de pensamento, tão insólito e frágil que as vezes se rompia. Um bordado de linhas de teia de aranha, trabalhado em agulha de tricô.

Fazia fios coloridos de sentimento amarelo desbotado, entrelaçados com gestos agudos que chegavam sempre a espetar-lhe a orla da idéia.

A forma esmerilhada com que compunha aquela coreografia, cada trecho; ele a seguia, queria beber no cálice da flor a seiva bruta. Seu olhar presentificava na memória, o passado de gestos acabados num prolongamento sem fim. Contemplava o grafado daqueles gestos, como quem observa uma espécie rara atrás da fétida jaula da retina. Eternamente presa a liberdade de vagar⁴.

Por um momento ele sentiu que suas linhas de movimentos, a garatuja de gestos recolhidos no interior, queriam transpor a superfície e comunicar o intraduzível.

Olhavam para ele com uma lentidão infernal, suportando toda fadiga de uma linguagem impalpável. Ele compreendia a textura a que as sensações conclamavam. *“Como se pode saber nunca se vai saber”*⁵, as emoções apenas exorbitam desprezadas de controle, e ele se abandonava a este sentir incongruente.

Enfim ele esquivou o olhar, tentando desvestir aquele ser reluzente do laço movimento interior que manifestava. Queria a sua forma aparente, a concretude

pesada e sem perturbações. Fitou-a. Aquele corpo que a beleza desconhecia, dançava em metáfora almejando a poesia. Era um simulacro, um delírio da imagem.

Pobre caneta. *“Ela não deve saber que escreve, nem aquilo que escreve. Porque ela se perderia. E isso seria uma catástrofe”*⁶.

Pareceu que ela já havia catalogado todas as suas legítimas proporções. Estava cansada do apego a um papel que não era seu. Era um luxo humilde de enfrentar-se tal como era, sua condição de caneta, sem falsas glórias.

E agora, sentia-se *“procedendo impulsionada por movimentos não coordenados da mente”*⁷; *“uma descontinuidade de pigmentação que já prenunciava a descontinuidade dos movimentos”*⁸.

Claro-escuro, claro-escuro, aquele sangue azulado escapando-lhe da veia que se abrira, manchando sua pele alvíssima. Um derrame. Incontido; sem estanque.

Fingiu que estivesse apoiada nas mãos de um anjo, que sem esforço a levaria. Sobretudo porque passara tempos dizendo coisas agradáveis que as vezes nem queria. Era de uma fidelidade religiosa, jamais falhara antes.

O homem olhou-a ainda mais uma vez, numa paciência arritmica de quem espera coisa alguma. Depois pensou que aquela nódoa mancharia sua estória. As coisas úteis de repente arrebatadas para o mundo das inúteis. Lembrou-se da arte, o privilégio de não estar fadada a este descontrole, controlado pelo capitalismo. Se a

perdessem não encontrariam outro exemplar. Um monumento à singularidade. A inutilidade mais íntima e necessária que já fora edificada.

A este tempo, a caneta segregava uma gosma envenenada, um visco escuro que escoava entre os dedos empapando sutilmente um filete da manga, da camisa de poliéster. Agora que revelara sua fragilidade, iria para a lixeira dos recicláveis, encarnar outro corpo oco de sensações. E quem sabe, com sorte, receba uma origem forjada, *made in ...*, para soar tão estrangeiro que lhe admitam algum valor.

Seria ele também uma mancha sem coágulo, vazando de um ferimento que não cicatriza? A incerteza, intranquila. Esperando por uma verdade que não chegará. A cura da dúvida que se responde com outra pergunta.

O homem crispou o pensamento e a palavra irrugou-se no papel amarrotado.

Teria medo de revelar o seu eu na escrita? Um eu que ele próprio desconhecia. Este eu, que até então mantivera oculto debaixo da intrincada rede de cabelos grisalhos, que a esta idade pareciam trair-lhe deixando aberto e indefeso o campo do pensamento. Infestado de piolhos. E *“quando o pensamento tem piolhos, ele coça como todos os que tem piolhos”*...

Piolho é um inseto pestilento, fica ali, consumindo o pensamento, todo o tempo ou todo o tempo do pensamento. É uma insônia, que não se sabe como estirpar. Mas sempre que ele tentava esquecer a insônia e prestar atenção em outra coisa, ele ouvia o silêncio. E provavelmente sentia medo do silêncio, porque sabia, de alguma forma,

que nesta ausência poderia se tocar, se dizer em silêncio. O “grande silêncio dentro”¹⁰ dele. O “silêncio” que era “fonte de suas palavras”¹¹.

A palavra de olheiras, pela noite que passara insone e sem café. Desarticulada, com as juntas doloridas da posição incômoda que assumira. Esta de estar parada, seca, muda. Como exprimir a morbidade do silêncio, estagnado, fixo, quase impenetrável?

A tensão foi crescendo, transpirando o mal cheiro que a angústia carrega. O fedor molhado e acre que o poliéster não absorve.

Mais um pouco e não suportaria a falta de comunicação, explodiria como a caneta em febre azul.

E a palavra rasgou nele um gesto, que a princípio confundiu-se com o calor do ódio.

A terrível beleza da velhice, criando gestos e trejeitos que a idade contava; em voz baixa pra passar despercebida. A lentidão manca, que a escrita as vezes tinha, no compasso desparelhado da agulha mal limpa sobre o disco de vinil. Ray Coniff. O traço cansado e flácido de músculos e gestos, dançando.

Não haveria de indagar-se mais, porque não queria se privar da sua profunda ausência, que sabia presente pela brutalidade como ela o estremecia. A miséria de si que o fazia dançar. E embora fosse pouco, ele agora tinha a ausência preenchendo o vazio dentro de si. Mas o ser humano é um bicho ganancioso. E feito gente que passa

fome, ainda mais aguda que até calcio no esqueleto falta, ele agarrou-se vorazmente ao que tinha de si — aquela ausência.

De ausência morre gente, e morre criança dessa mesma inanição. Mas ele era escritor e o desgraçado que se doa a arte, sempre vai ter pouco de si porque paga mais do que recebe. E assim ele não vai morrer, vai se doar.

Quando isto vier nem as folhas cobrirão o seu leito perpétuo, tão pouca é a sua obra. Pelo menos ele não teria que sustentar mais que os volumes; de sangue parado, e isto de certo modo era um alívio.

NOTAS (CAP III)

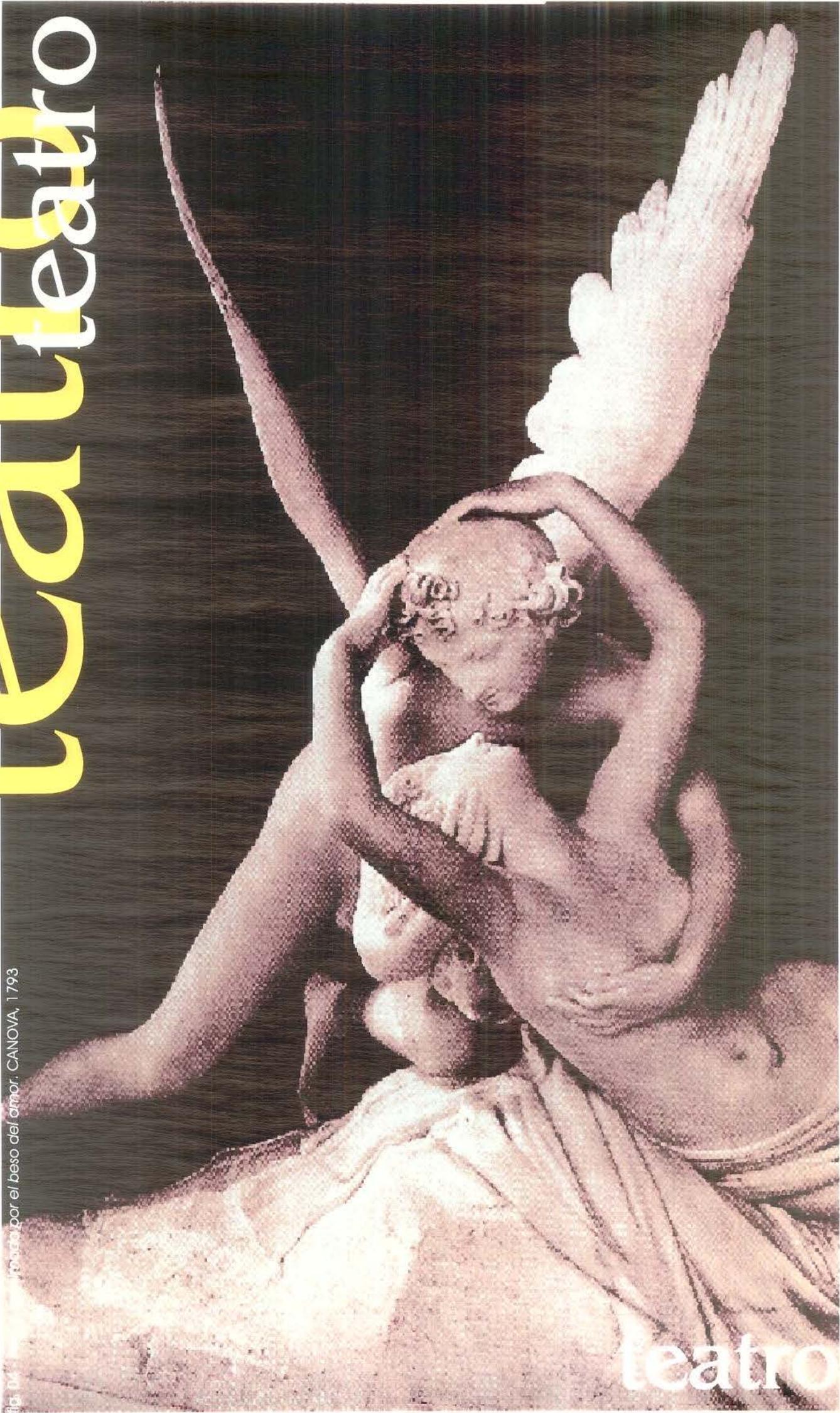
- I. CALVINO, Italo. *Palomar*, 1994, p.39
2. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1994, p.87
3. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1994, p.77
4. CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*, 1990, p.73

"a palavra 'vago' traz consigo uma idéia de movimento e mutabilidade, que se associa em italiano tanto ao incerto e ao indefinido quanto à graça e ao agradável!"

5. DURAS, Marguerite. *Escrever*, 1994, p.85
6. DURAS, Marguerite. *Op cit.*, 1994, p.19
7. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1994, p.74
8. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1994, p.74
9. GADDA, Carlo Emilio apud CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.124
10. LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, 1998, p.71
- II. LISPECTOR, Clarice. *Op cit.*, 1998, p.71

teatro

Fig. 04. *El beso*, escultura por el beso del amor. CANOVA, 1793



teatro

Cap. IV

Teatro Dança

Dei ao fato ocorrido um título que já não me lembro.

Narrei-o pela primeira vez ao silêncio, que tinha vindo me visitar. Foi dele a ideia. A imagem é de um ser que grita em mim todas as noites, e o som é oco e sem eco. O cenário está montado dentro de quem lê.

O texto aqui intitulado Teatro Dança foi, inicialmente uma peça de teatro abstrato; financiado pela A.F.S. association (Associação - Antônio Ferro Sobrinho).

Este trecho foi adaptado do livro "Escrever" de Marguerite Duras.

1º Ato

Feito longas pernas de tarântula ¹, a luz filtrada pelas inúmeras ampolas de vidro do lampadário, correu pelo assoalho a finas passadas.

Uma imagem rodopiante de mulher pareceu decompor-se da luz como que nascida de um espectro.

Seu corpo todo se pronunciava tão intenso entre saltos e arremessos que os seus membros pareciam deslocar-se do todo, alongar-se ainda pelos prismas da luz. Era de uma justeza terrível a pele que vestia aquela ossatura de grilo ². Ao dançar, seus pés como que tivessem asas, suspendiam-na em toda sua força tenra. Ela se

"debatia na rede de nossos olhares como uma mosca capturada. Mas nosso espírito curioso correu sobre a teia em direção a ela, querendo devorar o que ela conseguia fazer!"³.

As túnicas volteavam em belas manobras, ignotas de nossos desejos que se assombravam.

Os membros que se lhe apareciam entre as solturas do vestido, eram de uma tez alva de alabastro. Tão transparente que podia-se ver o sangue azulado de suas veias escorrendo entre as curvaturas macilentas de seu corpo.

Tomada por delírio, a bailarina começou a girar, girar como o inseto debatendo-se na teia de seu predador e cessou por um instante desfalecida de suas forças.

"Instante absolutamente virgem. E depois, instante em que algo deve se romper na alma, na espera, na reunião... Algo se romper" ⁴... E então de um salto ela desprezou-se... como que de si mesma.

"O peso cai a seus pés; e esse grande céu que se abate sem ruído o dá a entender. Só se deve ver seu corpo em movimento" ⁵. E recobrando seus fragmentos minúsculos de forças, quase que zunia:

"Asilo. Asilo, ó meu asilo, Turbilhão! Eu estava em tí, ó movimento, e fora de todas as coisas" ⁶. E o corpo de estatunário prostou-se sobre a poltrona de sua alcova.

No seio anelo, de veludo pálido rubro, a luz branda dos olofotes incandescentes deitou ao chão a sombra inerte. O corpo absorto no coxim da poltrona, pendeu ébrio, embebido entre os tecidos moles do vestido.

A luz foi se tornando cada vez mais débil, fenecendo sobre o corpo feito flores sobre a pedra tumular.

Fez-se um silêncio funebre, desgraçado como os soluços incontidos dos *"convivas que se sacodiam e não podiam mais manter silenciosos e ocultos seus demônios"*⁷.

De súbito, o negror das sombras escorreu pelo palco como o vinho entre os lábios da lasciva.

*"E se apagaram as luzes! Violenta,
a cortina, funérea mortalha,
sobre o trêmulo corpo se espalha,
ao cair, com um rugir de tormenta*

*Mas os anjos, que espantos consomem,
já sem véus, a chorar, vêm depor
que esse drama, tão tétrico, "*⁸ ...

Era o desalento do primeiro ato.

SEGUNDO ATO "O encontro do Corpo com a Psique"

Ainda entorpecida pelo ópio do desejo, aquela Alma torpe e desbotada, bebeu-se naquela visão do Corpo molemente desfalecido sobre a poltrona. Pelos seios ainda "entumescidos de suspiros"⁹ derramava-se como o orvalho sobre a flor, um véu acetinado que contornava-lhe o busto.

A Alma olhou "aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dele, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal-apertados"¹⁰... e chegando-se mornamente, borrifou-lhe na face os vapores da vida.

Uma fagulha de luz crepitou nos cabelos anelados de lume e a Alma ardendo em temor apaziguou na saliva o incêndio de sua língua.

Alma- Levanta-te, óh Corpo infame! Dormes, ou entorpe-se no perfume do último anamento desta valsa?

Ainda débil, banhada em uma vertigem frouxa e úmida, como o principiante que cambaleia desordenado no compasso de 3 por 4, o Corpo soergueu pesadamente as pálpebras e tornou a sepultar aquela imagem vã que se misturava ao sonho. Era de uma beleza lânguida como o anjo retratado por Hans Memling¹¹, extenuada naquele desalinho sem forças.

Alma- Não sentis ferver o fogo da vida nas tuas entranhas, a forma que me queima no crânio esta larva de agonia? Miséria! Que os serafins não salmodeiam no firmamento a tua espera, pois além de sua *"morte inexistente o imortal"*¹².

Sigilando o rosto entre os espirais ruidos e desgrenhados do cabelo e aquela penumbra descansada de alfombra, oscilava entre devaneios e aquela voz aturdida vinda de um longínquo que se adensava.

Apoiando as mãos nos braços da poltrona, reclinou o corpo de estatuário empreendendo o mesmo esforço que fora necessário a Sansão para derrubar as colunas do palácio dos filisteus, como se o peso de mil gerações pendesse sobre sua cabeça.

Tudo expirava, naquele Corpo feminino de encantos abismais.

Agora, por aquele resquício de memória que não traíra, *"lembrou-se de que lera que os movimentos histéricos de um animal preso tinham como intenção libertar, por meio de um desses movimentos, a coisa ignorada que estava prendendo - a ignorância do movimento único, exato e libertador era o que tornava um animal histérico: ele apelava para o descontrole - durante o sábio descontrole, ela tivera para si mesma agora as vantagens libertadoras vindas de sua vida mais primitiva e animal: apelara historicamente para tantos sentimentos contraditórios e violentos que o sentimento libertador terminara despreendendo-a da rede, na sua ignorância animal ela não sabia sequer como, estava cansada do esforço de animal libertado"*¹³.

Tal qual um sopro de vento perpassa entre as folhas do outono assoviando, ela murmurou em tom baixo e sibilante:

Corpo- *Oh! vazio! meu corpo está vazio!*

Alma- *Pelo rebento de uma idéia que conspira ainda nesse enfraquecimento doentio dentro de ti, desata-se dos véus da morte e renasce. Ergue-te deste sono atroz antes que putrêfes na terra junto aos vermes que virão lambe as tuas víceras.*

Corpo- *Perdoai, Alma austera. Que a legião de anjos celestiais vem mostrar o caminho aos sonhos letais. Não posso safar-me a este pensamento lasso e fugidio que em mim depõe. Assim me leve, esta hora morta e sombria, que o cansaço me abate. Recomenda minha alma, que não quer ir ter-se nessas regiões de silêncio - que apavora, de saudades que devora. Ahhh... sinto que esta metamorfose me consome...*

Alma- *Douada que és! Irrrompe, desta idéia seca que te sufoca. Vive!*

Corpo- *"...Escuta! Deixa-me. Estou como que ausente em minha presença, mal me sinto quase presente em minha ausência"¹⁴.*

Uma pausa profunda e branca, de um silêncio doído de agudo, fingiu uma lágrima que não rolou porque ela era forte para pena. *"Fez de conta que vivia e não que estivesse morrendo pois viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte"¹⁵.*

Fez de conta que a liberdade não a perturbava, mas isso fez de conta mesmo, porque a liberdade lhe era de uma claridade tão escura que chegava a cegar.

•
•
•

Não sei quanto tempo transcorreu assim, fato é que os espectadores começaram a incomodar-se nas poltronas. Os estados de perda, desespero se avolumavam; de impaciência, furor se avolumavam. Ouviam-se rumores. Isto opacamente assossegara o Corpo, eram de uma segurança miserável estes sentimentos com os quais sabia conviver. Talvez preferisse as grades do não ser, ignota de si mesma, mas agora que estava liberta, prisão de Alcatraz, teria de levar este fardo consigo, o poder da escolha. Justo ela que sempre se guiara como espuma sobre as ondas... Ahhh! Que infelicidade lhe acometera, quiçá quisesse antes morrer a esta carga de ser livre. Só de pensar, sentia-se exausta. Era mesmo um fiapo de gente, uma mosca, leve em sua agonia, parecendo aceitar aquela morte proletária.

"A morte de uma mosca é a morte. É a morte em marcha para um determinado fim do mundo, que estende o campo do sono derradeiro. Vemos morrer um cão, vemos morrer um cavalo, e dizemos qualquer coisa, por exemplo, coitado do bicho... Mas se uma mosca morre, não dizemos nada, não registramos nada"¹⁶.

Nem em sua morte ser protagonista? ... Nenhum esplendor de gente ou vela acesa para velar aquele corpo descorado? Morrer? Essa morte sem pavor nem dignidade, sem gosto nem odor? Seca como a terra estéril em que não pinga uma

lágrima de desespero porque a secura da falta de água é tão desgraçada que não lha desperdiçariam assim no planger da vida.

Ah... malditos! Clamo pela morte do anonimato que corrói a vida da artista. A indiferença trucida, o descaso agoniza. A vós que nada tem feito por ela, nem agora vem guardar em vigília o sono perpétuo para assim assegurar alguma existência a este corpo infante eu brado MISÉRIA!

Talvez ela supuzesse alguma gratidão ao seu criminoso já que o amor ela desconhecia. Digo isto porque sua vida gritou-lhe muda e seca, reverberando entre as finas costelas... Vingança! Lutaria como Perseu para que "pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa"¹⁷ mesmo que depois morresse. Devia essa ressurreição ao assassino.

A artista sentiu naquele amor odioso a necessidade de corporificar o sentimento. Despiu-se de sua pele de pêssego e agora "deseja que" a Alma "a seja"¹⁸. Apertou o abstrato contra seu peito e assim a Alma sulcou-lhe as entranhas. E dançaram em agonia pelo palco

*"a girar num éter feito de ais,
sorridente, num éter feito de ais"¹⁹*

Os entes pareciam imantados por uma irregular linha de "forças e formas que remetiam-se e compreendiam-se mutuamente"²⁰.

O delírio cessou. A Alma titubeava, e o chão debaixo de seus pés cambaleava como um bêbado que perdeu-se em doses amargas de vida. Uma idéia rastejava negra, sórdida, moribunda atrás de si. A voz da Alma estourou num grito, preferindo-o à mediação da palavra.

Não discordo desta pobre torpe *"As potencialidades da imagem"* e dos sons *"gozam de um dom talvez inexaurível: o de formar novas arborescências que dialetizam a expressão da seiva original"*²¹.

Corpo- Tú, que tens? Porque esgarças em pavor?

Alma- Uma nódoa vermelha, como a da virgem em sua primeira noite de amor, mancha nossas vidas. É uma infâmia venal (de veia).

E a Alma caiu de joelhos, convulsionando em soluços.

Alma- Não me amaldiçoes, que a memória é traidora, fora lassa e vazia.

Corpo- Anda, não vede que tremol!

Alma- Então não suspeitas? Somos sangue do mesmo sangue, nascidos da mesma essência.

Corpo- Meu Deus! meu Deus! disse-me que isso tudo é um sonho horrível. Tudo o que adivinho é uma folgança da minha imaginação, que zomba e ri-se de mim.

Alma- Não, não! É impossível!

"O Corpo encontrava-se" desalmado pelo *"sofrimento amoroso, mas continuava a"* raciocinar *"como um autônomo"*²².

Corpo- Irmãos?! e riu-se com escárnio da dor que o apunhalava.

"... E eu compreendia a impossibilidade contra a qual" esse amor chocava-se.

"Imaginamos que" ela (a Alma) "tenha por objeto um ser que pode estar deitado à nossa frente, oculto num corpo. Mas ai!" Ela "é a extensão desse ser em todos os pontos do espaço e do tempo que esse ser ocupou ou vai ocupar"²³.

- Alma profana e traiçoeira, dessa peça *"que tragédia"* o roteiro *"resume"*²⁴?

Não houve resposta, o silêncio pesava negro como a máscara da morte.

Passaram-se segundos, minutos — inteiros e repetidos em abismos de enlouquecedor silêncio.

- Olllááá! Ecoou uma voz nascida de um escuro subterrâneo. Olá alma desavisada! Por que não respondes? Ainda participas comigo?

- *"Ela ainda está oculta. Uma certeza sem rosto. Logo tomará posse de todo seu aparato de tempo, de lugar, de causa e de força de execução"*²⁵...

- *"Espera o acontecimento. Quem sabe, quando a noite estiver chegando, estarás contente de ver esse assunto encerrado"*²⁶... Aliás, talvez seja o

tempo *"em que a vontade e a obstinação de existir, de deixar marcas, de provocar atrito com tudo aquilo que existe, não seja usada, dado que muitos não fazem nada com isso — por miséria ou ignorância ou porque tudo dá certo para eles do mesmo jeito — e assim..."* quem sabe, ela *"anda*

*ainda perdida no vazio”²⁷, esperando ... esperando um fim sem esforço ...
paciente ... pacificamente.*

- Ollááá! Não fará nada diante da tragédia da arte? Não nos voltará os
olhos?

- Não adianta. Permanece no inerte social.

- E quanto a nós?

- Nós? *“Não temos classe social, marginalizados que somos. A classe alta nos
tem como um monstro esquisito, a média com desconfiança de que possamos
desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a nós”²⁸.*

A este tempo deu-se conta de que eram estrangeiros, *“cujas linguagem” a
sociedade “despreza, cujos costumes lhe parecem inexplicáveis, senão chocantes; ou
até mesmo, totalmente obscenos”²⁹.*

Então, as personagens pareceram fundidas a um só quando o tremor veio. Fino
e frio, agudo e derradeiro, rasgando as entranhas feito terremoto sem registro, sem
aviso. Nascido do ventre e morto pela contraditória falta de palpitação (embora fosse
um abalo). Parada? ... cardíaca? Nunca se soube. Fora uma paralisia de emoções.

Não esperar nada do mundo, nem o mundo dela — só ausências, idéias
paralíticas, atrofiadas, surdas, impronunciáveis neste mundo carnicero. Era uma
morte lenta, de afiada falta de dor física.

"Chega um momento na vida, e acho que isso é fatal, do qual não se pode escapar, no qual tudo é posto em dúvida"³⁰ ... e agora ela questionava sua necessidade no mundo.

Piedade leitor, não sou eu quem escrevo.

Escolhera morrer. Era "insustentável o peso do viver"³¹, especialmente a uma mosca. A morte inevitável. Que batiza³². Terá agora um registro qualquer.

Mas, "Em suma, estar morto é menos fácil do que poderia parecer. Em primeiro lugar, não se deve confundir estar morto com não existir... Na verdade, ... , enquanto mortos já não podemos nos realizar nem no passado (a que pertencemos então de todo mas sobre o qual já não podemos influir) nem no futuro (que, embora influenciável por nós, nos permanece vedado). O caso da artista é na realidade mais simples, tendo em vista que sua capacidade de influenciar sobre algo ou alguém sempre foi considerada desprezível; o mundo pode perfeitamente passar sem ela, e ela pode considerar-se morta com toda a tranquilidade, sem precisar sequer mudar seus hábitos. O problema é a mudança não naquilo que ela faz mas no que ela é, e mais precisamente, no que é em relação ao mundo"³³.

Era íngreme ver aquela sonâmbula. Sonâmbula? Minto, o sonâmbulo sonha, ela já não mais acreditava, era antes uma metáfora da morte.

E quando você virar esta página, ela ainda vai estar aqui. Porque a morte leva a vida inteira, e isso é muito tempo. Uma eternidade. ... "o tempo que flui sem

outro intento que o de deixar as idéias e sentimentos se sedimentarem, amadurecerem, libertarem-se de toda impaciência e de toda contingência efêmera” ³⁴. Ela pode esperar.

Mas pra quê protelar esta morte?

Seria a morte o seu ato principal?

Seria este o fim da trama?

Provavelmente não, ela “ Não precisava do fim para chegar

Do lugar onde estava já havia ido embora” ³⁵.

Fora para além, e agora não há de achar o caminho de volta, porque o além não se sabe onde fica. ... “um ponto de onde não se pode voltar teria sido alcançado no silêncio elementar da terra. Soube-se que, a partir de então, seria inútil esperar” ³⁶.

“Aliás – descobro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro” qualquer, “ sim, mas teria que ser homem porque mulher pode lacrimejar piegas” ³⁷.

FICHA TÉCNICA

coordenação geral: *Carmen Lúcia Soares*

organização do teatro e roteiro: *Fernanda Ferro*

divulgação: *os ventos*

equipe de apoio: *Carmem L. Soares, Éden Silva Pereti, Jaqueline Bisse, Vinícius Silva Terra, José Rafael Madureira...*

programa: *nunca se pode prevê-lo*

iluminação: *divina*

música: *o silêncio*

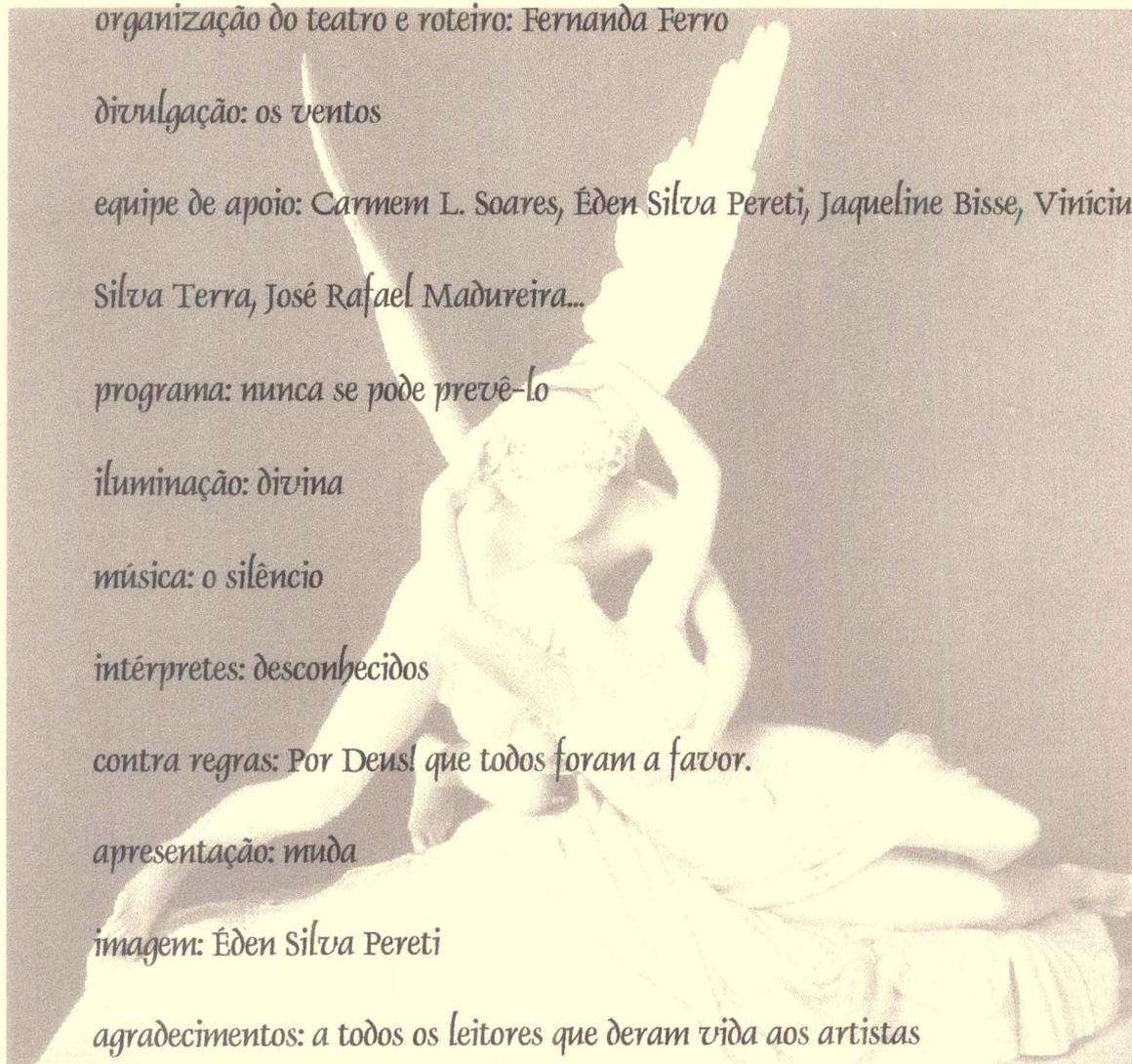
intérpretes: *desconhecidos*

contra regras: *Por Deus! que todos foram a favor.*

apresentação: *muda*

imagem: *Éden Silva Pereti*

agradecimentos: *a todos os leitores que deram vida aos artistas*



NOTAS (CAP VI)

1. SHAKESPEARE, William apud CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*, 1990, p.31

2. SHAKESPEARE, William apud CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.31

3. VALÉRY, Paul. *A alma e a dança e outros diálogos*, 1996, p.42

4. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.36

5. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.37

6. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.68

7. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.61

8. POE, Edgar Allan. *Poesia e prosa, séc. 19*, p.239

9. AZEVEDO, Álvares. *Noite na taverna, séc.19*, p.29

10. AZEVEDO, Álvares. *Op cit.*, séc.19, p.19

11. GOMBRICH, E. H. *A história da arte*, 1993, p.5

12. POE, Edgar Allan. *Op cit.*, séc.19, p.387

13. LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, 1998, p.15

14. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.106

15. LISPECTOR, Clarice. *Op cit.*, 1998, p.14

16. DURAS, Marguerite. *Escrever*, 1994, p.37

17. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.16

18. BARROS, Manuel. *Livro sobre nada*, 1997, p.70

19. POE, Edgar Allan. *Op cit.*, séc.19, p.395

20. BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre arte*, 1995, p.50

21. BOSI, Alfredo. *Op cit.*, 1995, p.65

22. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.25

23. PROUST, Marcel *apud* CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.126

24. POE, Edgar Allan. *Op cit.*, séc.19, p.396

25. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.110

26. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.110

27. CALVINO, Italo. *O cavaleiro inexistente*, séc.19, p.35

28. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*, 1990, p.33

29. VALÉRY, Paul. *Op cit.*, 1996, p.45

30. DURAS, Marguerite. *Op cit.*, 1994, p.20

31. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.37

32. DURAS, Marguerite. *Op cit.*, 1994, p.57

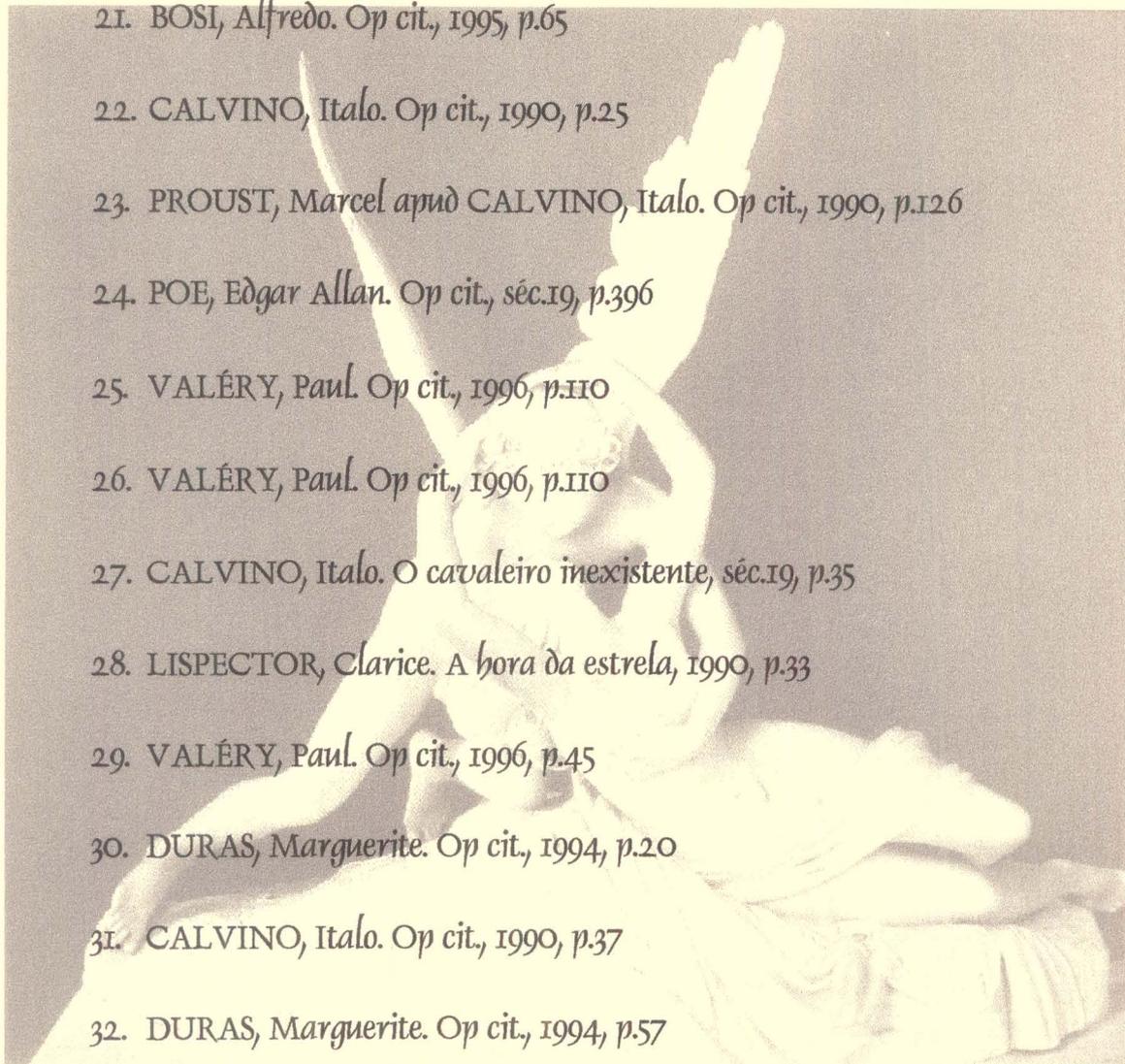
33. CALVINO, Italo. *Palomar*, 1994, p.109

34. CALVINO, Italo. *Op cit.*, 1990, p.66

35. BARROS, Manuel. *Op cit.*, 1997, p.71

36. DURAS, Marguerite. *Op cit.*, 1994, p.73

37. LISPECTOR, Clarice. *Op cit.*, 1990, p.28



Piolhos na Pele

“Nós ainda somos moços, podemos perder algum tempo sem perder a vida inteira. Mas olhe para todos ao seu redor e veja o que temos feito de nós e a isso considerado vitória nossa de cada dia. Não temos amado, acima de todas as coisas. Não temos aceito o que não se entende porque não queremos passar por tolos. Temos amontoado coisas e seguranças por não nos termos um ao outro. Não temos nenhuma alegria que já não tenha sido catalogada. Temos construído catedrais, e ficado do lado de fora pois as catedrais que nós mesmos construímos, tememos que sejam armadilhas. Não nos temos entregue a nós mesmos, pois isso seria o começo de uma vida larga e nós a tememos. Temos evitado cair de joelhos diante do primeiro de nós que por amor diga: tens medo. Temos organizado associações e clubes sorridentes onde se serve com ou sem soda. Temos procurado nos salvar mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de ser inocentes. Não temos usado a palavra amor para não termos que reconhecer sua contextura de ódio, de amor, de ciúme e de tantos outros contraditórios. Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível. Muitos de nós fazem arte por não saber como é a outra coisa. Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que nossa indiferença é angústia disfarçada. Temos disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior e que por isso nunca falamos no que realmente importa. Falar no que realmente importa é considerado uma gafe. Não temos adorado por termos a sensata mesquinhez de nos

lembrarmos o tempo dos falsos deuses. Não temos sido puros e ingênuos para não rirmos de nós mesmos e para que no fim do dia possamos dizer “pelo menos não fui tolo” e assim não ficarmos perplexos antes de apagar a luz. Temos sorrído em público do que não sorriamos quando ficávamos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro acima de tudo. E a tudo isso consideramos a vitória nossa de cada dia”. (Lispector, 1998)

Que as nossas vitórias sejam feitas destas outras coisas que insistimos em negar a nós mesmos. Que eduquemos pela leveza do toque e não por um apertão no braço e que passemos a pedir silenciosamente pelo silêncio. Que passemos menos sermões e mais poesias e juntos aprendamos o respeito e o amor. Porque isso também se aprende.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1— *A valsa*. Claudel, 1895-1905

Fonte — SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Estado da Cultura. *Camille — Claudel — 1804-1943: esculturas, desenhos e pinturas*. São Paulo, 1997. P.119, 121.

Figura 2 — *O velho guitarrista*. Picasso

Fonte — Nicolás J. Gibelli, *O mundo dos museus*. Editora Codex Ltda. Rio de Janeiro, 1967. p.73.

Figura 3 — *Adaptação da capa da revista Sandman nº 04*. Sam Kieth, 1990

Fonte — Neil Gaiman, *SANDMAN*. Editora Globo. São Paulo, 1990.

Figura 4 — *Psique reanimada por el beso del amor*. Canova, 1793

Fonte — Mettais. *Valérie, su visita del Louvre*, Art lys. Versailles, 1998. p.178.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, G. *A dança das horas*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1919.
- ALMEIDA, M. J. *Suabo/Leng'bo*. São Paulo: Cortez, 1990.
- AZEVEDO, A. *Noite na taverna*. Rio de Janeiro: Edit. Tecnoprint S.A. séc.19.
- BARROS, M. *Livro sobre nada*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BOSI, A. *Reflexões sobre arte*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.
- BUENO, F. S. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 9.ed. FENAME, 1975.
- CALVINO, I. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *O cavaleiro inexistente*. São Paulo: Companhia das Letras, séc.19.
- DURAS, M. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 15.ed. Rio de Janeiro: L.T.C, 1993.
- LISPECTOR, C. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A hora da estrela*. 18.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- _____. *A paixão segundo G.H.* 16.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- Madureira, J. R. *Corpo, matéria poética*. Campinas, 1997. 50 p. Monografia (Graduação) - Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1997.
- MASSIN, J. *História da música ocidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

NASCIMENTO, A. J. *Literatura e dança*. Campinas, 1996. 158 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, UNICAMP, 1996.

POE, E. A. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Edit. Tecnoprint S.A, séc.19.

RILKE, R. M. *Rodin*. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

ROSENFELD, A. *Prismas do teatro*. Campinas: UNICAMP: São Paulo: EDUSP: Perspectiva, 1993.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Estado da Cultura. *Camille – Claudel – 1804-1943: esculturas, desenhos e pinturas*. São Paulo, 1997.

VALÉRY, P. *A alma e a dança e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1996.